

**A PAROQUIA ‘CAMILIANA’:
HOSPITAL ABERTO,
CASA DE ESPERANÇA E DE MISERICORDIA**

No dia 19 de abril, à tarde, no Centro Santa Fé – São Paulo (Brasil) – 48 participantes, religiosos camilianos e colaboradores leigos, se reuniram para o III simpósio internacional dos párocos e “reitores” camilianos, representando uns 15 países e diversas Províncias e Delegações da Ordem.

A proximidade da Igreja foi testemunhada pela visita fraterna do Arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Pedro Cardeal Scherer e pela presença entre nós, durante todo o tempo do encontro de nosso coirmão camiliano Dom Prosper Kontiebo, Bispo de Tenkodogo em Burkina Faso. Só a presença deles nos recordou que toda nossa forma de ministério, em particular aquela paroquial se insere sempre no âmbito da comunhão com a igreja local e universal.

Os momentos de reflexão e de partilha se centraram na identidade da paróquia de cunho camiliano: a paróquia ‘camiliana’ como “hospital aberto”, aonde se conhece, ama e serve sobretudo as pessoas mais pobres e enfermas, sendo lugar de comunhão (*Koinonía*), de anúncio da Palavra de salvação (*Kerigma*) e missão e serviço de caridade (*Diakonía*).

O objetivo do encontro foi elaborar linhas que possam acompanhar a missão dos camilianos a quem é confiada a responsabilidade pastoral de uma paróquia, para que continuando a viver plenamente seu carisma camiliano, contribuam para formar comunidades cristãs ‘camilianas’, sensíveis as pessoas que sofrem, a seus membros mais necessitados. As atividades desenvolvidas pelos religiosos camilianos devem ter sua especificidade, porque, como disse o Papa Francisco – o pastor deve emanar o odor de suas ovelhas, mas também as ovelhas devem respirar o odor de seu pastor.

Em um sempre mais acentuado pluralismo cultural e religioso, como poderemos anunciar a boa notícia de Jesus Cristo, o rosto misericordioso do Pai? As nossas comunidades paroquiais são chamadas a ser ‘comunidade de comunidades’, que saibam acolher e escutar os medos e as esperanças das pessoas, as perguntas e as expectativas (*cf. Gaudium et Spes 1*), também não manifestadas – sobretudo quando se acompanha a situação difícil e aparentemente sem sentido da doença, da fragilidade, da velhice, da solidão – e que saibam oferecer um corajoso testemunho e um anúncio crível da verdade que é Cristo, que mais uma vez, através de nossos gestos e de nossas palavras, ‘exorta, encoraja, toca, toma pela mão, caminha junto’, realizando a grande liturgia da salvação integral do homem.

A paróquia ‘missionária’ é formada por ‘discípulos missionários’ do Senhor, que na variedade de seus dons e carismas (sacerdotes, religiosos, leigos) se colocam a serviço da fé das pessoas, de todas as pessoas, para atingir – dentro de sua história pessoal – as dimensões do afeto, do trabalho e do repouso, da formação humana e espiritual, mantendo viva em sua agenda pastoral a perspectiva da animação e da promoção vocacional, sobretudo entre os jovens; é um ‘hospital aberto’ que acolhe, cuida e recoloca a pessoa em todas as fases de sua história e que envolve - oferecendo formação adequada – todos os participantes da comunidade nesta obra de cuidado: desde a vida

que nasce até a vida frágil que sofre e que morre, da família que se compõe e dissolve entre mil dificuldades e tensões, a responsabilidade educativa, em um constante diálogo com todas as instancias eclesiais, sociais, formativas e sanitárias do lugar.

As paróquias ‘camilianas’ devem continuar a assegurar a dimensão popular da Igreja, renovando a sintonia com o lugar em suas concretas e múltiplas dimensões sociais e culturais. Há necessidade de paróquias que sejam ‘casas abertas’ a todos, que, com um estilo sóbrio e determinado, assumam o cuidado dos pobres, que colaborem com os outros entes sociais e com as instituições para a promoção de uma cultura antropológica saudável, nesta época caracterizada pela ‘cultura do descartável’ (cf. *Papa Francisco*).

Também as paróquias ‘camilianas’ necessitam de novos protagonistas: uma comunidade que se sinta toda responsável pelo Evangelho, com pastores sensíveis para promover carismas e ministérios, promovendo a formação dos leigos, com suas associações, criando espaços de real participação com uma solicitude particular para com aqueles que se empenham no mundo da saúde, do voluntariado social, da promoção social. O empenho não é fácil, mas é animador. Ser protagonista nisso é um dom de Deus. É necessário vive-lo junto, em um clima espiritual ‘alto’. É o Senhor quem o pede, o Senhor que, como a Paulo, continua a repetir a cada um: “Não tenha medo, continue a falar e não cale... porque tenho um povo numeroso nesta cidade” (At 18,9-10), e no-lo pede a intuição de nosso fundador São Camilo, que desejava ter mil braços para poder juntar e servir o maior número possível de enfermos e de pobres, sobretudo aqueles que ele considerava o “*mare magnum*”, aqueles que viviam o sofrimento e, muitas vezes também o aproximar-se da morte, em suas casas.

Do confronto das diversas experiências vividas entre nós, nestes dias, compreendemos que não existe “a paróquia camiliana”, mas existem muitas e com tantos rostos, conforme as medidas e as posições, as histórias, e os recursos, os contextos geográficos em que se situam; entretanto estamos de acordo em pensar que alguns comportamentos de fundo, que nos manifestam o rosto ‘camiliano’, são cultivados e implementados: hospitalidade, busca, identidade. A *hospitalidade* consiste em saber criar espaço para quem é ou se sente de qualquer modo estranho, ou mesmo estrangeiro em relação à comunidade paroquial, mas leva todo seu mal-estar e a fadiga da própria busca na fé, e também na vida e nas relações. A *busca* daqueles que não cultivam mais perguntas sobre Deus, ou daqueles que o sofrimento – físico, relacional, espiritual – colocou em um estado de apatia para com a própria vida, deveria ajudar-nos a evitar o fechamento em formas de ministério auto-referencial, para experimentar um ministério permanentemente em “saída” (cf. *Papa Francisco*).

Nada, porém, quisera acolher e buscar, se depois não tivesse nada ou pouco a oferecer. Aqui entra em jogo a *identidade* da fé, da esperança e da caridade, que deve transparecer de nossas palavras e de nossos gestos. O “sucesso” social da paróquia não nos deve iludir. A referência constante ao nosso carisma e a espiritualidade camiliana, a nossa fraternidade religiosa devem continuamente purificar nossas motivações profundas e nossas ações para poder chegar a compartilhar as

felicidades e os sofrimentos de toda criatura humana. Uma partilha sustentada pela “esperança que não desilude” (*Rm 5,5*). Porque a *esperança cristã* tem isto de característico: ser esperança em Deus. É Deus o fundamento de nossa esperança e também de nosso empenho para renovar a paróquia, para que possa testemunhar e saiba difundir a esperança cristã na vida cotidiana. Esta tensão é o que, no final, dá sentido a vida da paróquia ‘camiliana’. Nela se reconhece um sinal diferencial entre as casas dos homens, e a “*casa de misericórdia*” que é ao mesmo tempo a casa do Pai que atende e restaura a dignidade do filho que retorna (*Lc 15,11-32*), mas é também aquele albergue para onde o bom samaritano leva o ferido e pede também a outros que colaborem com ele em sua cura e em sua salvação (*Lc 10,25-37*).

Manifestamos um agradecimento especial a todos os nossos religiosos camilianos que se dedicam samaritanamente a este ministério na igreja, cultivando também o empenho e a esperança de suscitar novas vocações camilianas através de seu testemunho. Esta atividade paroquial não é uma dimensão marginal – como até em um passado recente se pensava – mas uma forma a ser valorizada pela nossa Ordem e a ser vivida com grande criatividade pastoral.

Manifestamos sentimentos de reconhecimento aos coirmãos da Província Camiliana Brasileira que aceitaram serem anfitriões deste encontro, acompanhando-nos com uma organização rigorosa e com uma fraternidade calorosa.

Rezamos para que São Camilo continue a protegê-los e a inspirá-los em vossa missão, e a experiência da ternura materna de Maria, Mãe do Senhor Jesus, ajude-os a ser instrumentos do amor e da misericórdia de Deus.

São Paulo (Brasil) 19-23 de abril de 2017.